

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 26 No.2 2013 / Volume 27 No.1 2014

PARTE 3 – A CONSTRUÇÃO DE INTERLOCUÇÕES: CAMPOS DISCIPLINARES E SOCIEDADE

## REDESCOBERTA RUPESTRE: SÃO PAULO E UM NOVO CENÁRIO

Luana Antoneto Alberto\*

ARTIGO

### RESUMO

O patrimônio rupestre paulista tem sido tema de poucas pesquisas nos últimos anos, resultando numa lacuna de conhecimento e, por conseqüência, de divulgação desse patrimônio. Entre os anos de 2010-2013 desenvolvemos pesquisa com sítios rupestres do Estado de São Paulo, na busca de uma sistematização dos registros identificados, objetivando refletir sobre esse panorama e propor um modelo de musealização da arqueologia baseado nos conceitos da Sociomuseologia. Os resultados obtidos com a sistematização dos dados demonstram um importante avanço na pesquisa, contribuindo com novos olhares para esse patrimônio. Acredita-se que a associação desse conhecimento com a musealização da arqueologia, extrapolando o edifício museu e priorizando a participação social, proporciona um passo em direção à sua democratização e, por conseguinte, à sua preservação.

**Palavras-chave:** Musealização da arqueologia, Registro rupestre, Sistematização

### ABSTRACT

The São Paulo rock heritage has been the subject of few studies in recent years, resulting in a knowledge gap and, therefore, disclosure of that heritage. Between the years 2010-2013 developed research with rock sites in the State of São Paulo, in search of a systematization of the records identified in order to reflect on this situation and propose a model of musealization archeology based on the concepts of Sociomuseology. The results obtained with the systematization of data demonstrates an important advancement in research, contributing new insights to this heritage. It is believed that the combination of this knowledge with musealization archeology, extrapolating the museum building and prioritizing social participation, provides a step toward democratization and therefore its preservation.

**Key words:** Musealization of archaeology, Rock art records, Systematization

\* O presente trabalho expõe os resultados obtidos com a Dissertação de Mestrado "Registros Rupestres de São Paulo: Conhecer para preservar" apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof.ª. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno.

## INTRODUÇÃO

Os registros rupestres são considerados como “forma de expressão simbólica das populações pré-históricas, englobando pinturas e gravações, executadas sobre suporte rochoso fixo, de qualquer natureza” (NETTO, 2001). Trata-se da reflexão de um tema especial, um ser humano dedicando seu tempo a preparar uma ferramenta ou um pigmento para registrar e comunicar algo, relacionado às mais diversas questões como explicação de fenômenos naturais, transmissão de experiências, delimitação de territórios, homenagens, ritualizações, contagens, entre outros processos.

Esses registros foram realizados para ter um significado, sendo um testemunho particular, entre os outros vestígios (BRUNO, 1984). Apesar de indecifráveis, permitem conhecer um pouco mais sobre o seu contexto, quando se transformam em fonte de informação científica e parte de nosso referencial patrimonial. Porém, o estudo desse tipo de patrimônio no Estado de São Paulo não nos permite, ainda, refletir sobre muitos aspectos dos grupos humanos que realizaram tais registros. Aprofundar o conhecimento sobre os registros encontrados se torna necessário, para que, na comparação com outros tipos de vestígios, se consiga a identificação de seus realizadores e os significados de suas expressões.

Trata-se de tema pouco abordado pela Arqueologia Paulista e as pesquisas realizadas até o momento sobre esse patrimônio são, sem dúvida, importantes e essenciais para a construção do conhecimento e a preservação, embora escassas, pontuais e fragmentadas não abordando esse patrimônio em seu conjunto. Na quase totalidade das publicações acessadas que versam sobre os registros rupestres do Estado de São Paulo a apresentação inicial da temática se assemelha destacando-se a raridade de registros e comparando-os com áreas de grande concentração de sítios rupestres no Brasil.

Os sítios com registros rupestres encontrados são poucos se comparados com outros lugares, nos quais houve investimento em pesquisa e aprofundamento nos estudos. No entanto, é necessário salientar que a quantidade de sítios para o estudo da arqueologia não é determinante: um único sítio arqueológico pode ser mais representativo do que vários de um mesmo contexto. De acordo com o levantamento realizado para nossa pesquisa e os estudos recentes observados, o Estado de São Paulo possui um Patrimônio Arqueológico Rupestre relevante, do ponto de vista científico e cultural, independentemente da quantidade conhecida.

Considerando que não foi encontrada publicação com uma compilação de dados sobre os sítios rupestres do Estado de São Paulo de forma sistemática, nossa pesquisa se propôs a desenvolver um levantamento sobre esses sítios, o que pode ser caracterizado como inédito na área e contribui para a reflexão sobre a socialização desses bens patrimoniais.

Conhecer o patrimônio é importante para quem? Apenas para os arqueólogos ou para toda a sociedade? Tal levantamento permitiu conhecer o cenário rupestre paulista e elaborar uma proposta de musealização da arqueologia que possibilite à sociedade não apenas iniciar o conhecimento sobre o tema, mas que o amplie, envolvendo tanto as suas características e o seu contexto, bem como o próprio trabalho de busca e análise realizado pelo arqueólogo, aproximando a sociedade dos sítios arqueológicos com registros rupestres, primando pela sua preservação.

Entende-se por musealização o processo constituído por um conjunto de fatores e diversos procedimentos que possibilitam que parcelas do patrimônio cultural se transformem em herança, na medida em que é alvo de preservação e comunicação. A Museologia se interessa, especialmente, em administrar e conservar a informação contida nos objetos e também em organizar novas maneiras de informação, por meio da elaboração de discursos expositivos e estratégias pedagógicas (BRUNO, 1996).

Assim, se a intenção da pesquisa era integrar o patrimônio constituído pelos sítios arqueológicos com registros rupestres à identidade local, tornando-o acessível ao público, de forma a garantir sua preservação, era necessário buscar ferramentas que possibilitassem essa integração. No caso, a Sociomuseologia foi a opção, pois trabalha de forma interdisciplinar e objetiva o desenvolvimento das comunidades onde atua, entendendo a preservação como uso qualificado desse patrimônio, pressupondo socialização e inclusão social (MORAES, 2009).

A Sociomuseologia traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea. A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo. (...) A abordagem multidisciplinar da Sociomuseologia visa consolidar o reconhecimento da museologia como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica (MOUTINHO, 2007, p. 1).

A proposta museológica foi elaborada para o Sítio Arqueológico Toca da Paineira, localizado no município de Bragança Paulista. O local foi sucessivamente ocupado, desde tempos remotos por grupos indígenas e, mais recentemente, por caçadores, religiosos e visitantes, curiosos em conhecer as inscrições ou a incrível paisagem do local.

Apesar de o município já contar com um sistema de preservação da identidade local, tanto cultural como natural, a Arqueologia ainda é um tema desconhecido e porque não dizer, à margem das análises e discussões. Trata-se de uma estratigrafia do abandono, como afirma BRUNO (1999), ou seja, quando a arqueologia é circunscrita ao terreno das memórias exiladas, sendo substituída pelas memórias mais recentes e heróicas locais.

Esse cenário é agravado pela falta de ações de socialização desse conhecimento, criando, assim, barreiras na sua construção e no sentimento de pertencimento a esse patrimônio, por vezes totalmente desconhecido. Atualmente, muito se tem avançado nesse sentido, com a atuação de profissionais preocupados em aprofundar a associação da Arqueologia com a Museologia.

## O CENÁRIO RUPESTRE PAULISTA ATUAL

A arqueologia busca conhecer o passado humano, seus costumes e características. Nesse sentido, o fato de existir poucos sítios rupestres no Estado de São Paulo não pode ser a única ou a principal justificativa para a falta ou a ausência de um número maior de pesquisas. Deve ser questionado o porquê dessa realidade. José Anthero Pereira Junior (na década de 1960) já questionava essa distribuição, para tentar entender o motivo de ela existir dessa forma.

Nesse contexto, o importante é compreender o diferencial dos registros rupestres do Estado de São Paulo, os quais carregam características próprias e muito significantes, dignas de serem amplamente estudadas nas mais diversas possibilidades. As pesquisas empreendidas por Tristão Araripe (1887), Desidério Aytai (1970), Guy Collet (1980, 1981, 1982, 1986, 1994), Ruth Kunzli (1991), Solange Caldarelli (1980, 1980a, 1981, 1984/1985), dentre outros, associados aos estudos apresentados por André Prous (1992, 2007), Marisa Afonso (AFONSO, 1987, 2005), Dorath Uchôa e Solange Caldarelli (1980), Astolfo Araújo (2001, 2001a), Silvio Araújo (2006), Rafael Souza (2006), assim como os trabalhos de arqueologia preventiva realizadas pela Zanettini Arqueologia (2005, 2007, 2010a) demonstram o potencial desse patrimônio.

O Estado de São Paulo apresenta atualmente **25 Sítios Rupestres** identificados e há fortes possibilidades de localização de outros. No **Quadro 1** estão detalhados os sítios, apresentando a descrição da técnica utilizada para a sua elaboração, os municípios em que se localizam e as obras de referência. O mapa com a distribuição é apresentado na **Figura 1**, o qual apresenta a quantidade de sítios por municípios.

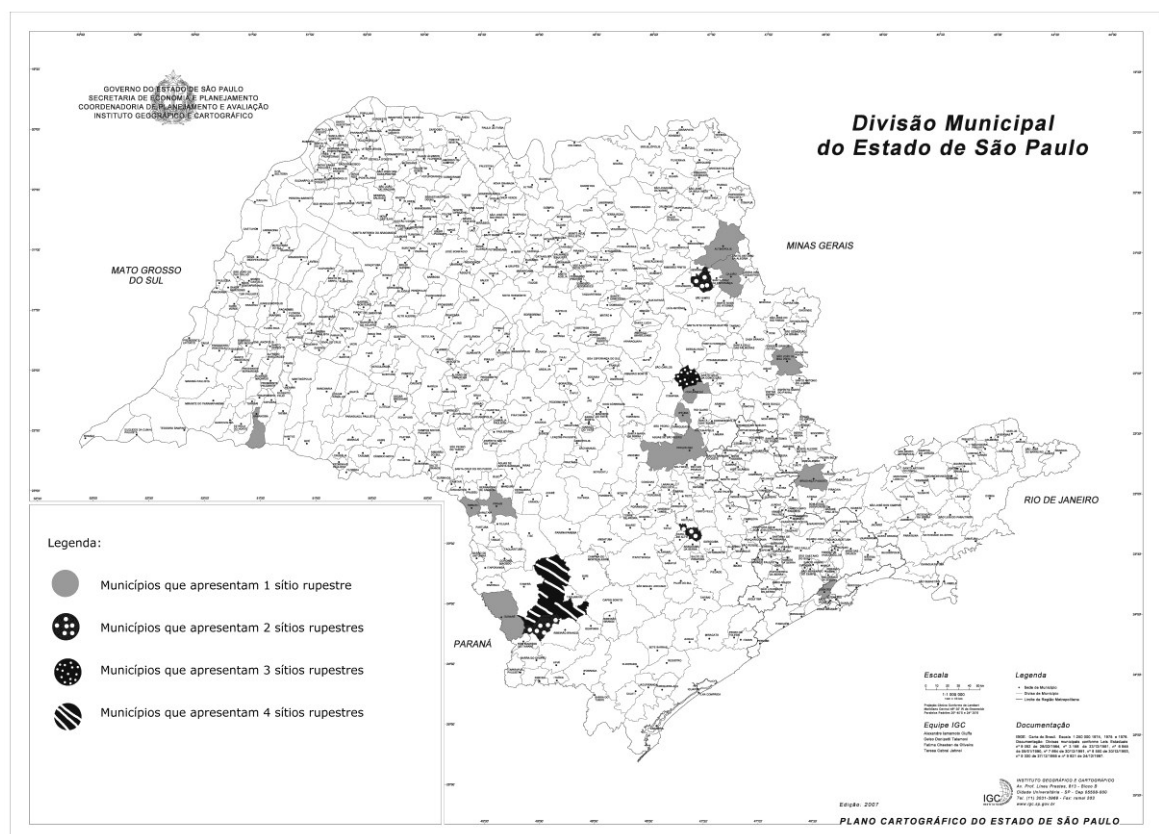
**Quadro 1:** Sítios Rupestres do Estado de São Paulo.

Sítios	Município	Técnica	Referência
Abrigo de Itapeva	Itapeva	Gravura e Pintura	ARARIPE, 1887; AYTAI, 1970; COLONELLI & MAGALHÃES, 1975; PROUS, 1992; ARAUJO, 1995, 2001a, 2001b; AFONSO, 2005; ARAÚJO, 2006; AZEVEDO, 2006
Abrigo do Alvo	Analândia	Gravura	COLLET (Grupo Bagrus de Espeleologia), 1981, 1986, 1994; PROUS, 1992; ARAUJO, 2001a; PERINOTTO, 2008
Abrigo Fabri 1	Itapeva	Pintura	ARAÚJO, 2006
Abrigo Fabri 2	Itapeva	Pintura	ARAÚJO, 2006
Abrigo Pouso Alto e Borda	Divisa Itapeva e Nova Campina	Gravura e Pintura	ARAÚJO, 2006
Fazenda Ibicatu	Piraju	Pintura	Referência oral Carlos Alberto Alves
Morro do Trem	Timburi	Pintura e Gravura	Página da Câmara Municipal de Timburi
Pilões	Cubatão	Gravura	ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2005; PIRES, 2005; CALIPPO & ZANETTINI, 2006
São Joaquim	São João da Boa Vista	Pintura	Referência oral Robson Antonio Rodrigues e Elaine Cristina Carvalho da Silva
Toca da Paineira	Bragança Paulista	Gravura e Pintura	ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2005, 2007a, 2010; SOUZA, 2006
Abrigo Catingueiro	Serra Azul	Gravura	UCHOA & CALDARELLI, 1980; AFONSO, 1987; PROUS, 1992
Abrigo da Bocaína	Analândia	Pintura	COLLET, 1982
Abrigo da Glória	Ipeúna	Gravura	COLLET, 1980; ARAUJO, 2001b
Abrigo da Lavra	Iperó	Pintura	Documentação pessoal Guy-Christian Collet

Sítios	Município	Técnica	Referência
Abrigo da Santa	Analândia	Gravura	COLLET (Grupo Bagrus de Espeleologia), 1981
Abrigo das Abelhas	Iperó		COLLET, 1983
Abrigo das Furnas	Cajuru	Gravura	NEVES, 1982; AFONSO, 1987
Abrigo Santo Urbano	Corumbataí	Gravura	COLLET (Grupo Bagrus de Espeleologia), 1982
Casa de Pedra	Itararé	Pintura	Documentação pessoal Guy-Christian Collet
Fazenda Issa Salomão	Nova Campina	Pintura	Referência oral Sílvio A. C. Araújo
Gravura de Piracicaba	Piracicaba	Gravura	PEREIRA JÚNIOR, 1964, 1967; KUNZLI, 1991
Gravura Rupestre Histórica	Itapeva	Gravura	ARAÚJO, 2006
Narandiba	Narandiba	Gravura	KUNZLI, 1991; FACCIO, CERDEIRA & PASSOS, 2012
Oficina Lítica Itambé	Altinópolis	Gravura	COLLET (Grupo Bagrus de Espeleologia), 1983
Santo Antônio	Serra Azul	Gravura	UCHOA & CALDARELLI, 1980; AFONSO, 1987; PROUS, 1992

De acordo com o levantamento realizado, a maior concentração de sítios rupestres está localizada na região do município de Itapeva (abrangendo Itapeva, Nova Campinas e Itararé) com 7 sítios de gravuras, pinturas e gravuras e pinturas, além de referências a outros possíveis sítios na área devido ao relevo (inserido entre a Depressão Periférica e o Planalto Atlântico) e ao histórico de ocupação humana.

**Figura 1:** Mapa dos municípios que apresentam sítios rupestres no Estado de São Paulo. Adaptado de IBGE, Divisão Municipal do Estado de São Paulo, 2007.



O mapa demonstra que os registros arqueológicos rupestres no Estado de São Paulo se concentram na região central do Estado, principalmente nas áreas entre a Depressão Periférica e as *Cuestas* Basálticas, formada basicamente por afloramentos rochosos arenítico-basálticos. A região, representada por 20 sítios rupestres, é marcada pela presença de morros testemunhos que, somados aos recursos hídricos superficiais, evidenciam fatores potenciais para o estabelecimento de grupos indígenas, além da presença de suportes para a realização dos registros rupestres.

Os outros sítios estão inseridos no Planalto Ocidental (Sítio Rupestre Narandiba); Planalto Atlântico (Sítios Toca da Paineira, São Joaquim e Fazenda Issa Salomão) e na zona limite do Planalto Atlântico com a Província Costeira (Sítio Rupestre Pilões). O mapa aponta possíveis áreas para futuras pesquisas de prospecção arqueológica que, associada ao estudo das características dos sítios rupestres, poderá contribuir para o conhecimento dos autores desses registros, assim como das ocupações pré-coloniais no Estado.

As primeiras notícias de registros rupestres paulistas localizados constam em artigo publicado por Tristão de Alencar Araripe<sup>1</sup>, em 1887, no qual descreve que após ler a notícia no *Jornal do Commercio* da inscrição lapidar no lugar do Dorá<sup>2</sup>, província de São Paulo, obteve cópia da inscrição e confrontou-a com os letreiros copiados nos sertões do Ceará, tendo certeza de se tratarem de letreiros produtos da indústria humana. “A inscrição do Dorá é real e verdadeira, e não mentirozo conto de pessoas rústicas e imaginozas, que se enganaram ou quiseram enganar” (ARARIPE, 1887, p. 225). Ele aponta, ainda, que o local foi procurado pelos indígenas para o repouso dos seus mortos, descrevendo ter encontrado ali ossadas humanas e montículos de terras apontando terem sido remexidas em busca de riquezas.

O Sítio Rupestre *Abrigo de Itapeva* foi o primeiro a ser “descoberto” no Estado, localizado em meia encosta de vale de paredes abruptas do Rio Taquari-Guaçu, conhecido regionalmente como Canyon do Itanguá (Depressão Periférica). Faz parte da Fazenda Água Limpa, que pertence à família Fracarolli, a qual, percebendo o valor do local, garantiu sua preservação, mesmo sem conhecimento arqueológico.

O abrigo é composto por uma parede de cerca de 23m de altura, projetada para frente, possibilitando o abrigo do sol e da chuva. O solo do abrigo apresenta grande quantidade de vestígios líticos lascados, assim como fragmentos cerâmicos de fina espessura e coloração escura (ARAÚJO A., 2001, ARAÚJO, S., 2006). O painel rupestre é composto por inúmeros registros gravados e pintados, assim como gravuras com pinturas em seus sulcos. Para analisar este sítio, Desidério Aytai (1970) realizou exame minucioso do painel e preparo de moldes com utilização de gesso e posterior atividade de experimentação. Segundo o autor (AYTAI, 1970, 39-40), o painel rupestre não é uma “coleção de figuras arbitrarias e sem conexão, mas sim é uma composição meditada e arranjada de tal modo que transmita um sentido”.

---

1 Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro de 1887, Tomo L, Primeira Parte

2 Em outras citações também consta o nome do lugar como “Vorá”, localizado no município de Faxina, atualmente Itapeva.

Outra pesquisa pioneira, publicada em meados de 1960, é de autoria de Pereira Junior, a qual destaca o inesperado encontro de inscrições rupestres gravadas em blocos de afloramento granítico em Piracicaba, interior do Estado de São Paulo. Para ele, o achado veio evidenciar a grande complexidade com que às vezes se reveste o estudo desses monumentos arqueológicos (PEREIRA JUNIOR, 1964, p. 1). O autor demonstra apreço e cuidado com esse patrimônio (mesmo com todos os valores da época em relação aos indígenas, identificados no decorrer do artigo) e expõe a responsabilidade com o significado dos estudos do tema no Estado. Talvez por isso sua bibliografia referencial seja tão rica em detalhes de técnicas de estudo e dados obtidos, porém, infelizmente, deste sítio sobraram apenas estas publicações, os vestígios em si se perderam ao longo do tempo.

Ao se analisar a cena rupestre paulista, sem sombra de dúvidas o pesquisador que mais conheceu sobre o assunto, mesmo sem ser especialista nessa área foi Guy-Christian Collet<sup>3</sup>. Dos 25 sítios rupestres identificados, 9 são parte de seus levantamentos e pesquisa de campo e, a maioria, em conjunto com o Grupo Bagrus de Espeleologia.

O primeiro registro rupestre localizado por Collet seria o Abrigo da Glória, no município de Ipeúna<sup>4</sup>, que serviu de parâmetro para estender a prospecção geomorfológica para a região de Analândia. Collet (1980, p.7) destaca que a descoberta do Abrigo da Glória ocorreu devido à aplicação de princípios de Geomorfologia: as probabilidades de aproveitamento de formações típicas e suas características pelo homem "primitivo". Um estudo efetuado em 1969 indicou indiretamente essas características e incentivou as pesquisas na região, contribuindo com a localização de duas cavernas e três abrigos sob rocha.

O Abrigo da Glória apresenta uma área plana, protegido do vento, da chuva e da luz forte, com presença de gravuras rupestres na parede ao fundo, e diversos vestígios líticos em área denominada de "oficina". Os registros seriam em geral profundos, com alguma superposição, sendo classificado por Collet como complicado e por isso sem tentativa de interpretação. Os vestígios líticos foram analisados na época pelo pesquisador, destacando o acesso a dois ecossistemas diferentes em razão de a localização da cavidade estar entre o limite do planalto e da depressão periférica (COLLET, 1980).

Outras ações realizadas a partir de então, identificaram sinalizações e polidores no Abrigo da Santa, situado na Fazenda Chapotepec (antiga Boa Vista), o qual foi considerado bem preservado do ponto de vista arqueológico, porém com presença de capela de alvenaria no seu interior. Portanto, já sofrendo alterações antrópicas para alguns pesquisadores; ou, sendo parte da construção identitária de sua comunidade e demonstrando um laço religioso com o local, para outros.

Em 1982, Collet localizou o Abrigo Santo Urbano, que apresenta gravuras com traços e composição geométrica, em suporte desgastado devido à decomposição da rocha. O abrigo apresenta, em aproximadamente cinco meses por ano, um chuveiro ou cascata fina, em

---

3 Brasileiro naturalizado, nascido na França, industrial, espeleólogo, um dos fundadores da Sociedade de Espeleologia Brasileira - SBE e durante anos chefe do Departamento de Arqueologia da SBE, o qual ajudou a criar, e que contribuiu com a localização de sambaquis fluviais no Estado, oficinas líticas, abrigos sob rocha e os registros rupestres.

4 Toda documentação localizada indica estar localizado no município de Ipeúna, porém, a conversão das coordenadas geográficas para UTM demonstram estar no município vizinho de Itirapina, quase limite com Ipeúna.

queda do paredão de cerca de 30 m, que alimenta uma piscina natural de águas claras e propicia uma vegetação de ambiente úmido. Não foram identificados vestígios arqueológicos em superfície, porém as escavações demonstram um nível de ocupação a 1,30 m de profundidade a partir do solo atual (COLLET, 1982, p. 4 e 5).

As análises realizadas em documentação identificada no acervo pessoal de Collet<sup>5</sup>, demonstram que o sítio Casa de Pedra foi localizado em Itararé, divisa com o Estado do Paraná, em fevereiro de 1973<sup>6</sup>. Trata-se de um abrigo sob rocha, em arenito, no qual a Ficha de Cadastro Geral da Sociedade Brasileira de Espeleologia em seu item 8 (Arqueologia / Turismo) faz referência a interesse arqueológico, presença de vestígios humanos e poucos registros rupestres. Estes últimos são representados por bastonetes e manchas. A Ficha indica, ainda, que a caverna não teria potencial turístico e destaca escavações feitas por desconhecidos, mas que ainda mantinha áreas intactas para sondagem ou pesquisas arqueológicas (Acervo SBE).

Das várias pesquisas realizadas por Collet, destacamos as empreendidas no sítio Abrigo do Alvo, uma das quais inéditas, buscando uma solução para a preservação contínua dos registros. Trata-se de abrigo sob rocha, localizado em meia encosta de morro com três painéis com registros rupestres, formados basicamente por gravuras com alguns pontos marcados por pigmentos vermelhos. As gravuras podem ser identificadas como bastonetes, linhas retas, paralelas, tridáctilos, cúpules, duas figuras circulares que parecem estar associadas ao universo cultural humano, sendo representadas uma ao lado a outra (diferenciando-se do restante dos registros) e algumas são vestigiais, não sendo possível sua verificação.

Estas pesquisas de Collet (1994, p. 5) tinham o objetivo de tentar conservar e salvar os registros que apresentavam acelerado processo de degradação. Assim, foram consultados químicos profissionais na busca por um produto que mantivesse a integridade da superfície da rocha em que se encontravam os registros. O laboratório da Rhodia, único interessado no assunto, desenvolveu a partir de estudos nos sítios, o RHODOPAS 012D (poliacetato de vinila, produto com 7% de solução plastificante). Um fixador, que aplicado sobre parte do painel rupestre, poderia desacelerar o processo de degradação identificado.

Essa ação de conservação da equipe de Collet (1986, p. 7) foi acompanhada por anos, identificando possíveis modificações e resultados. Após 12 anos foram constatadas várias modificações ambientais, como o recuo do plantio de cana-de-açúcar, deixando maior extensão de capoeirão aos pés dos altos barrancos, a altura reduzida da vegetação que não protegia os registros e o efeito benéfico da solidificação pelo plastificante.

Apesar do cuidado e pesquisa envolvendo as ações de conservação realizadas, foi possível perceber que após 30 anos a visão sobre o tema é bastante diferente. Em nossa visita aos sítios, em fevereiro de 2012, novos estudos foram realizados pela conservadora Silvia Cunha Lima que identificou mudanças cromáticas na superfície rochosa devido à aplicação dessa resina e suas várias nuances de acordo com a porosidade e penetração dela na rocha, além da

---

5 Doada à biblioteca da SBE.

6 Apesar de algumas bibliografias apontarem o Abrigo da Glória como primeiro sítio rupestre identificado por Collet, a documentação referencial do sítio converge.

formação de uma película de alto brilho que dificulta a leitura dos registros em determinados pontos do suporte. Também foi avaliado que a consolidação foi satisfatória na superfície, porém, não evitou uma fragilização mais profunda da rocha ocasionando deslocamentos maiores. Lima destacou, na ocasião, que intervenções diretas podem alterar as composições dos objetos, porém, às vezes essas ações de reversão são inevitáveis. Neste caso, a possibilidade de remoção da resina obteve resultado satisfatório em relação à diminuição de sua espessura e conseqüente diminuição do brilho.

A documentação referencial para os sítios Abrigo da Bocaina, Oficina Lítica Itambé, Abrigo da Lavra e Abrigo das Abelhas é muito reduzida e quase não identifica os registros, havendo apenas algumas citações, tanto na documentação pessoal acessada de Collet como nas fichas CNSA – IPHAN, utilizadas como referência. Apesar de poucos dados, sua existência é comprovada. Também havia indicações de Collet sobre a possibilidade de existir registros rupestres em outros três sítios arqueológicos localizados em abrigos na região do município de Analândia: os Abrigos do Roncador, do Lajeado e do Gavião. Porém, as documentações localizadas não apresentaram dados que confirmassem a existência de tais registros.

Collet também contribuiu com diversos artigos e apresentações em congressos, tanto no Brasil como exterior, divulgando a arte rupestre brasileira, suas características e a própria arte rupestre paulista. Em artigo publicado pelo periódico Informativo SBE, juntamente com Washington Simões, discutem as "Principais Tradições de Arte Rupestre em Cavernas Brasileiras". O texto é uma versão da apresentação realizada no XII Congresso Internacional de Espeleologia, durante o I Simpósio de Arqueologia e Paleontologia em Cavernas, em La Chaux-de-Fond, na Suíça, em 1997, e inicialmente destacam (COLLET & SIMÕES, 2002, p. 12):

Queremos lembrar aos colegas que não somos especialistas em arte rupestre, porém, nos sentimos na obrigação, visto o perigo crescente que correm estes grafismos, de sempre documentar e informar os arqueólogos da presença destas manifestações culturais que temos a felicidade de descobrir.

Na seqüência apresentam o conceito de arte rupestre e as suas tradições no Brasil, utilizando um mapa para espacializar a ideia da distribuição dos sítios e os vazios geográficos, até então presentes. O item III do artigo destaca áreas particularmente ricas em manifestações rupestres em cavernas, seja pela sua originalidade, particularidade ou meio de acesso. Uma delas foi a região de Analândia, descrevendo ser pouco representativa neste aspecto. Porém, algumas cavernas descobertas pelo Grupo Bagrus de Espeleologia se revelaram excepcionais citando o Abrigo da Bocaina com "baixos relevos cavados no solo", no qual foram esculpidos coisa inteligível; o Abrigo da Glória com "gravuras que ultrapassam os limites que normalmente definem essas manifestações culturais"; o Abrigo da Santa, questionando ser possível se tratar de concentração de polidores que poderiam se sobrepor formando desenhos, finalizando com uma análise sobre estes vestígios estarem inseridos na depressão periférica e *cuestas* basálticas (COLLET e SIMÕES, 2002, p. 15).

Sob a coordenação de pesquisa de Solange Bezerra Caldarelli, através do antigo Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo<sup>7</sup>, iniciou-se em fins da década de 1970, as pesquisas na região do município de Serra Azul, região nordeste do Estado de São Paulo, área em que foram identificados importantes vestígios arqueológicos, entre eles "artefatos líticos lascados e polidos, cerâmica pertencente ao menos a duas tradições diversas (uma delas tupi-guarani) e petróglifos" (Diário de campo, Acervo MAE/USP). A coordenação dos trabalhos de prospecção ficou a cargo de Walter Alves Neves.

Essa pesquisa abrangeu os sítios Abrigo Catingueiro e Santo Antonio, em Serra Azul, e Abrigo das Furnas, localizado no município vizinho de Santa Cruz da Esperança/Cajuru. Estes sítios foram detalhadamente documentados, formando um acervo documental importantíssimo para elaboração de pesquisas neste contexto. Alguns documentos apresentados em nossa pesquisa são inéditos na arqueologia paulista e guardam uma história inicial dessas pesquisas rupestres no terreno institucional e acadêmico da USP, em um período de inovação e de descoberta, na tentativa de uma estruturação de pesquisa em torno do tema no Estado de São Paulo.

Segundo Uchôa e Caldarelli (1980) os sítios Abrigo Catingueiro e Santo Antonio poderiam pertencer a um mesmo grupo cultural, uma vez que consideraram os registros realizados sob a mesma técnica e estilisticamente homogêneos, com tema principal em torno de pegadas, tanto humanas quanto de animais. No entanto, destacam que conclusões mais definitivas dependeriam da continuidade da pesquisa para ampliar e aprofundar os estudos, o que não ocorreu. O Abrigo das Furnas apresenta características similares aos observados nos sítios Abrigo Catingueiro e Santo Antonio e foi alvo de pesquisas na década de 1980.

O único sítio inserido na área do Planalto Ocidental foi identificado através de informações passadas à equipe de arqueologia da UNESP, campus de Presidente Prudente. Está localizado no município de Narandiba, às margens do Ribeirão Água das Pedras em piso basáltico e é composto por gravuras que podem estar ligadas a local cerimonial, associados a uma série de evidências de estruturas de lascamento e de combustão (KUNZLI, 1991). Trata-se de imagens geométricas enigmáticas, algumas dependem do posicionamento do sol para serem vistas, mesmo assim apenas em poucos momentos do dia, indicando a possibilidade de algum conhecimento astronômico.

O sítio Narandiba foi objeto de estudo da tese de doutoramento de Ruth Kunzli. Ela destaca que suas bases metodológicas foram os estudos de Anati<sup>8</sup> e Uchôa e Caldarelli<sup>9</sup>, pois a bibliografia específica sobre métodos e técnicas no período era escassa, apesar da grande quantidade de sítios com gravuras rupestres existentes, poucos pesquisadores se detiveram em trabalhá-los sistematicamente ou descrever as técnicas de pesquisa utilizadas.

É importante destacar que Kunzli faz referência à vinda de Pierre Colombel, na época pesquisador do Centre National de Recherches Scientifiques e do Museu do Homem de Paris,

---

<sup>7</sup> O Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo foi integrado ao antigo MAE, dando origem ao atual Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

<sup>8</sup> ANATI, Emmanuel. *Methods of recording and analysing rock engravings*. Capo di Ponte, Edizione de Centro. 1977.

<sup>9</sup> UCHÔA, Dorath P. & CALDARELLI, Solange B. *Petróglifos na região nordeste do Estado de São Paulo*. *Pesquisas: Antropologia*, v. 31: 25-42. São Leopoldo, 1980.

trazido através do Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, com objetivo de repassar técnicas necessárias para as pesquisas nos sítios Catingueiro, Santo Antonio e Furnas, estudados no período.

Kunzli aponta que uma dificuldade encontrada neste estudo foi o fato de se tratar de registros em piso a céu aberto com incidência direta do sol durante o dia todo, aquecendo a rocha. Também foi exposta a preocupação com a preservação do sítio, fazendo referência ao fato de que passados seis meses da visita, a área A3 apresentava acelerado processo de decomposição e, por isso, foi realizado o recobrimento do piso, cuja iniciativa depois foi verificada como acertada diante de correspondência recebida de Ian N. M. Wainwright, então pertencente ao Instituto Canadense de Conservação, indicando que outras opções analisadas em bibliografia seriam inviáveis.

Os dois objetivos principais da pesquisa de Kunzli (1991: 177) eram a datação e a interpretação do sítio, porém foi constatado que os resultados não permitiam uma definição. O tema de datação de vestígios rupestres continua sendo de difícil equacionamento no Estado de São Paulo, não sendo datado, até o momento, nenhum sítio de arte rupestre.

Alguns sítios foram objeto de citação em publicações diversas e, um dos exemplos, é o caso da pesquisa de Silvio Araújo (2006) que trabalha com a formação de políticas públicas para gestão patrimonial para o município de Itapeva e, com isso, desenvolveu levantamento dos sítios arqueológicos do município a fim de desencadear e promover ações de preservação e valorização desses bens. Nesse levantamento mapeou alguns sítios ainda não divulgados ou pesquisados, como é o caso dos Abrigos Pouso Alto e Borda, Fabri 1 e Fabri 2, bem como dos registros rupestres históricos.

Outro pesquisador que desenvolveu pesquisas recentes nos sítios rupestres no Estado de São Paulo foi Astolfo Araújo, nas regiões de Itapeva e de Analândia, inserindo questões importantes para a pesquisa arqueológica, como a discussão teórica e a aplicação de métodos e técnicas de análises regionais, com o intuito de conhecer um pouco mais sobre este território, onde as pesquisas sistemáticas são incipientes.

Astolfo Araújo também coordenou ações de pesquisa em campo no sítio Abrigo do Alvo em Analândia, como parte do Projeto "A ocupação paleoíndia no Estado de São Paulo: uma abordagem geoarqueológica". Em 2012 tivemos oportunidade de participar de ações em campo junto à equipe do projeto para conhecer um pouco mais sobre o sítio e colaborar na avaliação das características do local no que tange à arqueologia e à musealização.

Um dos sítios indicados para a região de Itapeva não conta com documentação escrita ou fotográfica. Trata-se de uma única pintura com círculos concêntricos cortados por duas retas verticais paralelas em pigmento vermelho, em paredão localizado na Fazenda Issa Salomão, local bastante conhecido por fazer parte de roteiro de aventura por amantes de ecoturismo. A indicação e verificação foi realizada por Silvio Araujo, em passeio realizado com grupo de alunos, sem preparação adequada para essa documentação. O registro está situado próximo à Pedra da Minerita, grande monólito localizado às margens de um açude, local de belas paisagens cênicas e mirante da região (comunicação oral).

A arqueologia preventiva contribuiu para a localização dos dois últimos sítios encontrados no Estado nos últimos anos. Em 2005, durante levantamento de diagnóstico

arqueológico para implantação de empresa de mineração no município de Bragança Paulista, foi encontrado o Sítio Toca da Paineira. Trata-se de abrigo sob rocha, assentado em meia encosta de morro íngreme, conhecido como Morro do Guaripocaba. Essa área faz parte da província geomorfológica do Planalto Atlântico, inserido na transição para as escarpas ocidentais da Serra da Mantiqueira. Os registros encontrados são gravuras com motivos de pontos picoteados e linhas incisas na superfície plana de uma das rochas de sustentação (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2005, 2007a).

Na Província Costeira, na área do Parque Estadual da Serra do Mar, foi documentado pela Zanettini Arqueologia, durante as ações realizadas para a elaboração do Plano de Manejo do Parque, o primeiro sítio rupestre nesse contexto geomorfológico: o sítio Pilões. Segundo os arqueólogos Calippo e Zanettini (2006), Pedro Augusto Mentz Ribeiro, pioneiro arqueólogo da arqueologia brasileira, apontou que nas evidências registradas no Sítio Pilões não podem ser identificadas marcas características de picoteamento e/ou alisamento típicos do período pré-colonial, mas que as marcas identificadas indicam terem sido produzidos por um instrumento não lítico, podendo ser até um instrumento de metal que apenas estariam de posse das populações locais, a partir da chegada do colonizador europeu.

**Figura 2:** Sítio rupestre Pilões.



A pesquisa contribuiu com a documentação e divulgação de três novos sítios, Morro do Trem, localizado no município de Timburi; Fazenda Ibicatu, em Piraju e São Joaquim, em São João da Boa Vista.

O sítio Morro do Trem encontra-se acerca de 22 km da cidade de Piraju e de 21 km do sítio Fazenda Ibicatu. Ambos estão inseridos entre as represas das Usinas Hidrelétricas Chavantes e Armando Avellanal Laydner (Jurumirim). Portanto, mesmo antes da construção das UHEs, o acesso às drenagens menores e aos grandes rios, passíveis de navegação, era de boa qualidade, pois estão inseridos na Bacia do Rio Paranapanema. O sítio Morro do Trem é constituído por diversos registros gravados e pintados em painel de aproximadamente de 15 m de largura por 3 m de altura, enquanto o sítio Fazenda Ibicatu é constituído por única pintura em vermelho em paredão rochoso localizado em estrada de terra de fácil acesso por moradores.

**Figura 3:** Sítio rupestre Morro do Trem.



**Figura 4:** Sítio rupestre Ibicatu.

O sítio São Joaquim, localizado no município de São João da Boa Vista é o sítio rupestre que mais se diferencia da cena rupestre paulista, por ser representado por painel de pinturas em vermelho, com cerca de 1,80 x 1,80 metros. As figuras aparentam montar uma cena, apresentando figuras antropomorfas, zoomorfas e objetos rituais, se diferenciando da maioria dos sítios pela sua composição.

#### O CENÁRIO POETIZADO: MUSEALIZANDO OS REGISTROS

A única referência diretamente associada ao passado indígena no Município de Bragança Paulista está visível na última sala, no subsolo do Museu Municipal Oswaldo Russomano, na forma de uma canoa Monóxila e alguns outros vestígios em madeira, proveniente de pesquisas arqueológicas na região, realizadas pelo arqueólogo Gilson Rambelli na década de 1990. Esse fato corrobora com a questão apresentada anteriormente, do município não estabelecer laços diretos com o contexto arqueológico que apresenta, e confirma a associação do conceito de Estratigrafia do Abandono (BRUNO, 1999), quando percebe-se que a história oficial de Bragança Paulista é contada, tanto nos livros de história quanto na disposição dos temas no museu municipal, a partir da passagem de conquistadores pela região bragantina, tendo seu marco pela construção da Capela em louvor a Nossa Senhora da Conceição.

**Figura 5:** Sítio Rupestre São Joaquim.

Assim, a história local se inicia com a colonização, sendo o nome do município atribuído à Casa Bragança, dinastia reinante em Portugal em meados de 1640, ou ainda, a um português de nome Bragança, que era dono de um rancho para abrigar tropeiros.

Isso demonstra o afastamento dos primeiros ocupantes das terras da região – os indígenas – os quais deixaram a marca de sua existência em objetos e locais específicos e continuam desconhecidos. Essa avaliação é resultado da análise realizada a partir de um Diagnóstico do Município, primeira ação executada, a qual consistiu no levantamento de dados pertinentes ao contexto socio-cultural local para traçar um perfil dos anseios e necessidades presentes nesta localidade, com objetivo de subsidiar a proposta de musealização.

No início, a intenção era refletir sobre a musealização da arqueologia como forma de socializar o conhecimento adquirido com as pesquisas no sítio arqueológico Toca da Paineira para a população local. No entanto, com o levantamento dos dados e conhecendo melhor o município foi possível verificar que o fato do conhecimento arqueológico ser desconhecido por essa população, inclusive por funcionários do próprio museu, não era o único ponto desfavorável no campo patrimonial local. Outros seguimentos patrimoniais estavam à margem das manifestações culturais do território, não por falta de iniciativas, mas por falta de espaço e de conhecimento sobre a forma de condução desse processo.

Esse perfil foi traçado a partir do levantamento dos patrimônios culturais e atrativos turísticos elencados pelo município, e duas importantes iniciativas que contribuem com a cena bragantina. A primeira, foi desenvolvida pela Prefeitura Municipal e trata-se da Conferência Municipal de Cultura, que teve como objetivo principal o esclarecimento e a discussão de temas para elaboração de propostas de políticas públicas culturais a serem incluídas no Plano Municipal de Cultura, através da participação de agentes políticos e parcelas da população, a fim de garantir um plano que valorize a diversidade cultural e, posteriormente, a sua adesão ao Sistema Nacional de Cultura.

A segunda, é o Projeto Memórias Vivas Bragantinas, realizado pela Com Tato Agência Cultural, em conjunto com a Edith Cultura e com o patrocínio da TE Connectivity. O projeto também tem o apoio da Prefeitura de Bragança Paulista, da Secretaria Municipal de Educação, da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, da Secretaria Estadual da Educação e faz parte do Programa TE Conexões Culturais. Essa iniciativa demonstra que parcelas significativas de instâncias do município de Bragança Paulista estão dispostas a refletir, discutir e construir projetos em prol da Preservação da Cultura, Patrimônio e Identidade locais através de oficinas de desenho e fotografia, curso de produção audiovisual, curso de formação para professores, exposição de arte, intervenções artísticas e produção de documentários, com objetivo de resgatar a memória e o patrimônio cultural da cidade, participando ativamente da cena cultural e tendo apoio e participação da sociedade.

Assim, o diagnóstico demonstrou o desejo do município em divulgar sua cultura, valorizando ações locais, e esse anseio deveria ser a propulsão da proposta de musealização da arqueologia; não como essencial, mas como parte de um todo que compõe o cidadão que constrói e reconstrói Bragança Paulista.

Chagas (2006, p. 92) afirma que "o papel do museu não é só o de documentar, mas também o de denunciar, criticar e refletir", pois o que se expressa nos museus não é a verdade pronta e acabada e sim uma leitura possível, que não deve ser relativizada e seu processo de musealização deveria beneficiar igualmente o popular e o erudito, o estético e o histórico, independentemente da origem social que venha esse bem.

Diante desse contexto, voltou-se o olhar para a compreensão do Museu Integral e suas possibilidades, associando esse conhecimento à concepção de que a musealização da arqueologia busca compreender o território patrimonial e a realidade arqueológica a ser musealizada (WICHERS, 2011), entendida pelo Diagnóstico do Município e o contexto do sítio Toca da Paineira, respectivamente, com destaque às suas narrativas como constituintes das identidades e construtoras das memórias sociais.

Assim, a proposta de Musealização da Arqueologia para esse Cenário foi a de um Museu de Percurso, que abraçasse os pontos culturais já existentes no município, inserindo nele a história indígena presente, mas desconhecida. O Museu de Percurso se enquadra dentro dos conceitos da Nova Museologia, no qual o processo museológico extrapola o edifício museu, e se apropria da perspectiva territorial, estabelecendo laços mais estreitos com a comunidade e valorizando as diferentes dimensões da herança cultural.

As mudanças na Museologia contribuem para a diversificação dos cenários do fato museológico num esforço de democratização não apenas do acesso, mas da seleção e produção do patrimônio cultural. A Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972) e a Declaração de Quebec (1984) foram fundamentais para tais mudanças (WICHERS, 2011). Com as discussões iniciadas para elaboração destes documentos consolidou-se a certeza de que o objetivo da Museologia já não era o estudo da organização e das funções dos museus, mas "deveria ser o desenvolvimento comunitário, promotor de postos de trabalho pela revitalização artesanal, agrícola e industrial" (MOUTINHO, 1995, p. 27).

A inserção do sítio arqueológico e seu contexto como pontos integrantes desse museu, torna-o acessível ao público, contribuindo com a socialização dos conhecimentos provenientes de seus estudos e sua conseqüente preservação. Por sua vez, a preservação é entendida como uso qualificado, objetivando contribuir com o desenvolvimento das comunidades, estando assim em conformidade com os preceitos da Sociomuseologia (MORAES, 2009).

Desse modo, a proposta buscou apresentar um museu descentralizado, alcançando diversos pontos do município, trazendo sua história e sua identidade mais próximas aos cidadãos, expandindo os muros do museu, alcançando não só os próprios museus, mas os prédios históricos, parques, artesanatos, iniciativas culturais, partes identitárias do município, até o sítio arqueológico Toca da Paineira e o local onde foi encontrada a canoa, a ele vinculado, localizado na área rural e periférica da cidade.

A fala do arqueólogo Gilson Rambelli, apresentada a seguir, destaca muito bem o ponto de partida para a elaboração da proposta museológica. Ela demonstra uma interpretação arqueológica, associada a uma leitura sensível desse contexto, ou seja, abre portas para uma musealização além do sítio arqueológico, integrando-o a outros fatos regionais (a localização da canoa) e sua inserção em uma instituição local, no caso o Museu Municipal Oswaldo Russomano.

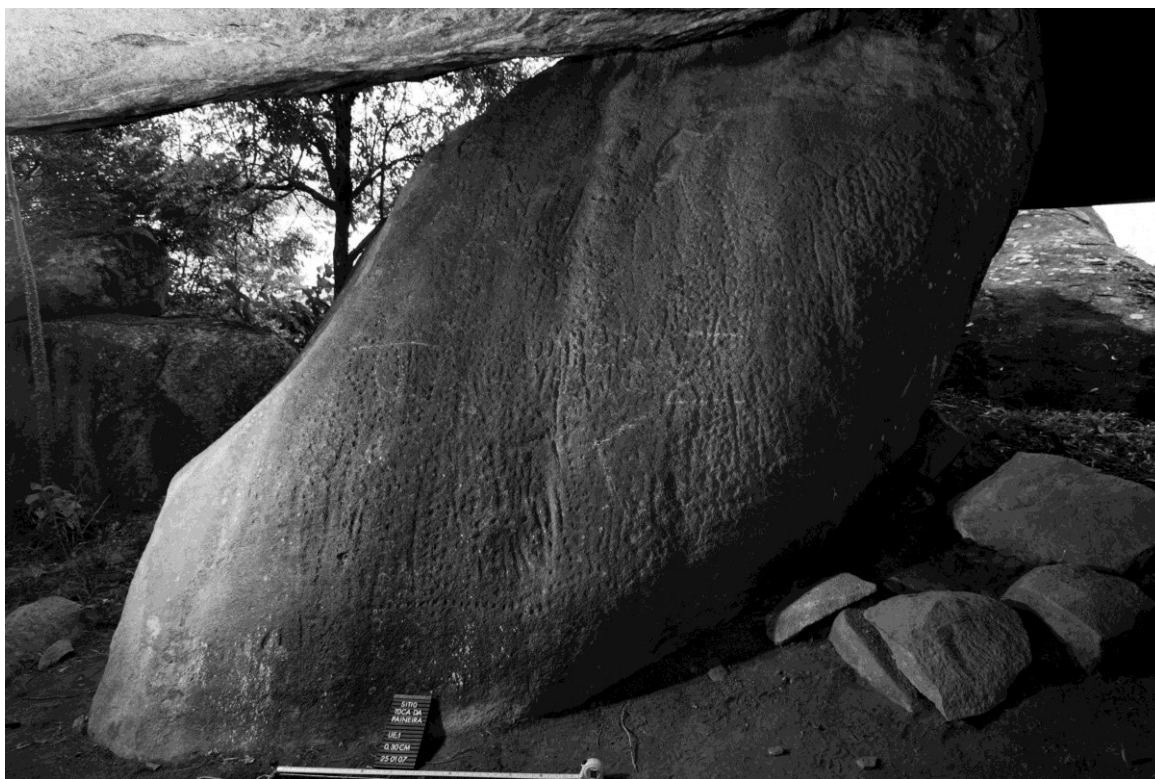
Esse sítio, ele é fantástico, do ponto de vista da história da região, acho que pro bragantino que tem essa sensação de querer conhecer mais sobre seu passado isso aqui nos dá uma dimensão de antiguidade fantástica. Então acho que a gente vai ter que aproveitar bem esse sítio, amarrar com o conhecimento dessa região do Guaripocaba, que é sempre bom lembrar que aqui no Guaripocaba também foram encontradas a canoa que está no museu<sup>10</sup>, com mais alguns artefatos de madeira, coisas assim raríssimas e agora isso começa a ter uma dimensão bem maior <sup>11</sup>.

---

10 Museu Municipal Oswaldo Russomano.

11 A citação é parte de entrevista concedida durante as ações de resgate arqueológico realizadas pela Zanettini Arqueologia (2007a), como uma das atividades de divulgação desse conhecimento.

**Figura 6:** Sítio Rupestre Toca da Paineira.  
Foto: Marcos Issa, ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2005.



As análises realizadas em locais que já possuem estruturas de divulgação nesse contexto, como o Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí; a Pousada das Araras, em Goiás; o Museu Arqueológico Costão do Santinho, Santa Catarina, entre outros, levaram à compreensão de que a musealização da arqueologia pode ser realizada de várias maneiras, com diversos objetivos e, principalmente, com disponibilidades financeiras nem sempre ideais, considerando o mesmo caráter técnico e profissional realizado nos museus.

O mais importante ao refletir questões neste contexto é que os próprios profissionais da arqueologia reconheçam os diversos olhares possíveis para este patrimônio, introduzidos por correntes pós-processuais, que aceitam a falta de consenso nas interpretações. Os olhares do público e dos pesquisadores são diferentes e contribuem para dar conteúdo à elaboração de discursos possíveis e alternativas de exposições desses patrimônios, ressignificando-os.

Assim, é possível abrir o leque para se buscar perspectivas museológicas que integrem o passado, em suas diversas possibilidades, e o presente, em um mesmo quadro de socialização; pois o trabalho in loco dos sítios rupestres abarca tanto os registros realizados no passado, quanto o seu uso atual, além de seus diversos significados, para todos os públicos que os contemplam. Socializar esse patrimônio integrando-os à identidade local, contribui amplamente na preservação destes.

O contexto observado no município de Bragança Paulista através dos resultados do Diagnóstico realizado em comparação com os dados arqueológicos referenciais da pesquisa

no sítio Toca da Paineira, revelam uma mudança no caminho histórico, na qual os indígenas são relegados a segundo plano, esquecidos, exilados e permanece como história oficial a Bragança agraciada por Dom Pedro II e morada dos barões do café, onde foi realizada a primeira comunicação via telefone para demonstrar a grandeza e o desenvolvimento da cidade. Os dados arqueológicos destacam a presença de outros personagens que fizeram parte dessa trajetória, e deixaram suas marcas impressas na rocha, nos vestígios enterrados ou submersos desse território. Assim, o conceito gerador utilizado na proposta seriam justamente os caminhos percorridos e os personagens presentes na história do município.

Essa opção por vários caminhos, vai de encontro também as necessidades físicas e estruturais do sítio arqueológico, pois este está situado em meia encosta de vertente íngreme, no Morro do Guaripocaba, periferia do município. O fato de estar no alto, dificulta a subida e o acesso dos visitantes, exigindo o auxílio de profissionais da arquitetura e urbanismo, para o desenvolvimento de trilhas em ângulos de subida que diminuísse essa dificuldade. Estas trilhas teriam instalações, denominadas na pesquisa por "Estações do Conhecimento", que seriam locais de reflexão e descanso, tendo em cada ponto além da estrutura com discurso expositivo, uma estrutura física que possibilite descansar e apreciar o cenário onde este patrimônio está inserido. Nestes locais também estariam inclusas placas de preservação da natureza e hábitos saudáveis de vida, como lixos, explicação de fauna ou flora existente, entre outros recursos.

Estes caminhos formados pelas trilhas, se entrelaçariam em pontos diferentes do trajeto até o sítio arqueológico, tendo cada caminho um ícone de identificação e reconhecimento do tema exposto, objetivando dinamizar o discurso e o espaço expositivo além de propiciar ao visitante opções diferentes de percurso e reflexão temática. A estrutura física poderia ser desenvolvida a partir de materiais recicláveis, de baixo custo e ser apresentado sempre que possível, fazendo relação com algo parecido no mundo indígena, como a reutilização de ferramentas quebradas, potes consertados, cacos reutilizados como antiplástico, etc. Não esquecendo é claro, de um caminho alternativo para pessoas com necessidades especiais, como uma estrada de acesso de veículos que permitisse a subida, controlada, até próximo ao sítio, em local delimitado e também como ponto de reflexão (Estação do Conhecimento).

Por se tratar de área rural, na periferia do município, é necessária a instalação de placas indicativas nos outros pontos do Museu de Percurso, fazendo referência a todos os locais inclusos nesta rede, sendo apresentado como discurso expositivo um mapa de sua composição questionando a responsabilidade de cada um na preservação dos bens patrimoniais do município.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da pesquisa foi refletida no seu título "Registros Rupestres de São Paulo: Conhecer para Preservar", baseada na crença de que não existem condições de se preservar algo que não se conhece, não se tem apreço. É preciso, antes de se exigir uma ação preservadora da sociedade, permitir que esse patrimônio trazido à tona pelas pesquisas arqueológicas e questionadas diante de tantos outros patrimônios esquecidos sejam, de fato, conhecidos. E que passem a ter um significado, não só para os arqueólogos, para que os

patrimônios possam ser preservados mantidos na maior integridade possível e inseridos no âmbito do território patrimonial existente.

A falta de estudos sobre os sítios rupestres no Estado de São Paulo se dá pelo desconhecimento de seu potencial, o qual, é possível afirmar que é de grande valia para a área da Arqueologia e da Museologia, com possibilidade de ser ampliado, não só em relação à quantidade de sítios, mas em relação à compreensão do cenário arqueológico como um todo. Esse desconhecimento contribui para a falta de pesquisas em relação à sua socialização, pois requer não só um domínio do conteúdo arqueológico e museológico para a extroversão, como também um estudo específico para implantação dessa estrutura no ambiente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Marisa C. A ocupação pré-histórica na região de Serra Azul e São Simão, SP: um estudo geoarqueológico. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1987;
- AFONSO, Marisa C. Um olhar para a arqueologia pré-histórica do Estado de São Paulo. Tese de Livre Docência. Museu de Arqueologia e Etnologia / Universidade de São Paulo. 2005;
- ARARIPE, Tristão A. Cidades Petrificadas e Inscricões Lapidares no Brasil. *Revista do Instituto Histórico do Rio de Janeiro*, Vol. L, Parte Primeira. Rio de Janeiro, 1887, p. 213-294;
- ARAUJO, Astolfo G. de M. A Arqueologia da Região de Rio Claro: uma síntese. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, USP. São Paulo, 11: 125-140, 2001;
- ARAUJO, Astolfo G. de M. Levantamento Arqueológico da área Alto Taquari, Estado de São Paulo, com ênfase na abordagem dos sítios líticos. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia / Universidade de São Paulo. 1995.
- ARAUJO, Astolfo G. M. Teoria e Método em Arqueologia Regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia / Universidade de São Paulo. 2001a, 365 f. 2 volumes;
- ARAUJO, M. ;BRUNO, Maria C. O. Exposições Museológicas: uma linguagem para o futuro. *Musées et Collections Publiques de France*, Rio de Janeiro, n.2, p. 12-17, 1989;
- ARAÚJO, Silvio A. C. Arqueologia de Itapeva, SP: contribuição a formação de políticas públicas para gestão patrimonial. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006;
- AYTAI, Desidério. As Gravações Rupestres de Itapeva. *Revista da Universidade Católica de Campinas*. Campinas, Vol 14, N 33, p. 29-61, 1970;
- BRUNO, Maria C. O. A Exposição. In: *Exposição Pré-História Brasileira. Aspectos da Arte Parietal*. Museu de História Natural / Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Pré-História / Universidade de São Paulo. 1981;
- BRUNO, Maria C. O. A Museologia a Serviço da Preservação do Patrimônio Arqueológico. In: *Revista de Pré-História*. Edição comemorativa do cinquentário da Universidade de São Paulo, vol VI. São Paulo, 1984a;
- BRUNO, Maria C. O. Musealização da Arqueologia: Um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. *Cadernos de Sociomuseologia*, nº17. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. 1999;
- BRUNO, Maria C. O. Museologia e Museus: Princípios, problemas e métodos. *Cadernos de Sociomuseologia*, nº10. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. 1997;
- BRUNO, Maria C. O. Museologia: algumas idéias para a sua organização disciplinar. *Cadernos de Sociomuseologia*, nº9. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. 1996;
- BRUNO, Maria C. O. O museu do Instituto de Pré-História: um museu a serviço da pesquisa científica. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Dissertação de Mestrado. São Paulo: 1984;
- BRUNO, Maria Cristina O. Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In: Milder, Saul. *As várias faces do patrimônio*. Santa Maria: Pallotti. 2006, p. 119-140;
- BRUNO, Maria Cristina O. Museus, identidades e patrimônio cultural. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Suplemento 7, p.145 – 151, 2008.
- CALDARELLI, Solange B. Métodos e técnicas empregados no estudo dos petróglifos de Serra Azul, estado de São Paulo. In: *Exposição Pré-História Brasileira. Aspectos da Arte Parietal*. Museu de História Natural / Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Pré-História / Universidade de São Paulo. 1981;

- CALDARELLI, Solange B. Pré-História do Nordeste do Estado de São Paulo: Um estudo de Ecologia Humana. IPH - USP. Segundo Relatório do Projeto, CNPq. 1984/1985;
- CALDARELLI, Solange B. Pesquisas arqueológicas no interior do Estado de São Paulo. In: Revista de Pré-História, vol II. São Paulo, 1980;
- CALDARELLI, Solange B. Fontes de Pré-História Regional: Os sítios Arqueológicos de Serra Azul, São Paulo. Separata da Memória da II Semana de História. Universidade Estadual Paulista. 1980a;
- CALDARELLI, Solange B.; BRUNO, Maria C. O. Arqueologia e museologia: experiências de um trabalho integrado. Pesquisas e exposições do instituto de pré-história da USP. In: *Revista de Pré-História*, vol III, n 4. São Paulo, 1982;
- CALIPPO, Flavio R. e ZANETTINI, Paulo E. Sobre a ocorrência de uma gravura rupestre às margens do rio Pilões, vale do Cubatão, SP. Revista Eletronica História e-História. Mai.2006. Não paginado. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=41>> Acesso em: 30.jan.2012.
- CHAGAS, Mário de S. *Há uma Gota de Sangue em cada Museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos, 2006;
- COLLET, G. Christian & SIMÕES, Washington. Principais Tradições de Arte Rupestre em Cavernas Brasileiras. *Informativo SBE*, nº 83, Out-Dez 2002, p. 12-17.
- COLLET, Guy C. (Grupo Espeleológico Bagrus). Abrigo Santo Urbano, Corumbataí-SP. São Paulo: maio, 1982.
- COLLET, Guy C. (Grupo Espeleológico Bagrus). Atividades 1981.
- COLLET, Guy C. (Grupo Espeleológico Bagrus). Proteção Rupestre. *Informativo SBE*. Número 60, Nov/Dez, 1994.
- COLLET, Guy C. Proteção da Arte Rupestre no Brasil. Iº Simposio Mundial sobre Arte Rupestre. UNESCO- La Habana. 1986;
- COLLET, Guy C. Sondagens no abrigo da Gloria. Ipeúna /SP. Arquivo SBE. Departamento de Arqueologia. São Paulo, nov/1980.
- COLOMBEL, Pierre. Método de decalque em arte rupestre aplicado no estudo de sítios da região de Lagoa Santa, Estado de Minas Gerais, Brasil. In: *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol XXIV, São Paulo, 1977;
- ETCHEVARNE, Carlos. *Escrito na Pedra: Cor, Forma e Movimento nos Grafismos Rupestres da Bahia*. Organização Odebrecht; tradução Sabrina Gledhill. Rio de Janeiro: Versal, 2007;
- FACCIO, Neide B.; CERDEIRA, Gabriel L. & PASSOS, Thiago. Sítio Arqueológico Narandiba, Município de Narandiba, SP. Relatório Técnico para o Ministério Público. 2012.
- GUARNIERI, Waldisa R. C. Conceito de Cultura e sua Inter-relação com o Patrimônio Cultural e Preservação. IN: *Cadernos Museológicos*. IBPC, nº 3. Rio de Janeiro, 1990;
- GUARNIERI, Waldisa. A interdisciplinaridade em Museologia. (1981) In: BRUNO, Maria Cristina O. (Coord. Editorial) Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. *Textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol 1. 2010, p. 123-126;
- GUARNIERI, Waldisa. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o Patrimônio Cultural e a Preservação. (1990) In: BRUNO, Maria Cristina O. (Coord. Editorial) Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. *Textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol 1. 2010, p. 203-210;
- GUIDON, Niède. A análise da Arte Pré-Histórica. Problemas Metodológicos. In: *Coletânea de Estudos em Homenagem a Annette Laming-Emperaire*. Coleção Museu Paulista, Série Ensaios, vol 2. São Paulo, 1978;
- GUIDON, Niède. Parque Nacional Serra da Capivara. Modelo de Preservação do Patrimônio Arqueológico Ameaçado. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. nº33, 2007;
- IBGE. *Divisão Municipal do Estado de São Paulo*. Edição: 2007;
- JORGE, Marcos; PROUS, André; RIBEIRO, Loredana. *Brasil rupestre - arte pré-histórica brasileira*. Curitiba: Zencrane Livros, 2007.
- KUNZLI, Ruth. Análise das Gravuras do Sítio Arqueológico Narandiba. 1991, f. 196. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991;
- MARTIN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Prefácio de Niède Guidon. 3ª Edição. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999;
- MORAES, Camila A. de. Patrimônio Arqueológico Paulista: Propostas Museológicas para sua Preservação. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, 2009. Memorial de Qualificação de Doutorado;
- MOUTINHO, Mário. Definição evolutiva de Sociomuseologia: Proposta para reflexão. In: Atas do XIII Atelier Internacional do MINOM, Lisboa-Setúbal, Lisboa, Setembro 2007.
- MOUTINHO, Mário. A Declaração de Quebec de 1984. In: ARAÚJO, Marcelo M., BRUNO, Maria Cristina O. (Orgs). *A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo: Documentos e Depoimentos*. São Paulo: ICOM, 1995, p. 26-29;
- NETTO, Carlos X. A. A arte rupestre no Brasil. Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação. Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, UFRJ, 2001. Tese de Doutorado;
- PEREIRA JUNIOR, José A. Nótulas sobre as inscrições rupestres de Piracicaba. *Apontamentos Arqueológicos*. São Paulo, Nº 5, julho de 1964a;

- PEREIRA JUNIOR, José Anthero. Comentários em torno da Inscrição Rupestre de "Itaquatia". Separata da *Revista do Museu Paulista*. Nova Série – Volume II. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1948, p. 275-285;
- PEREIRA JUNIOR, José Anthero. Considerações a respeito de alguns dos sinais da Itacoatiara de Ingá. Separata da *Revista do Arquivo Municipal*. Nº XCV. Departamento de Cultura. São Paulo, 1944b, p. 113-116;
- PEREIRA JUNIOR, José Anthero. *Introdução ao Estudo da Arqueologia Brasileira*. São Paulo: Ind. Gráfica Bentivegna Editora LTDA, 1967;
- PEREIRA JUNIOR, José Anthero. Itacoatiara de Ingá. Separata da *Revista do Arquivo Municipal*. Nº XCIV. Departamento de Cultura. São Paulo, 1944a;
- PEREIRA JUNIOR, José Anthero. Itacoatiaras. Separata da *Revista do Arquivo Municipal*. Nº XC. Departamento de Cultura. São Paulo, 1943, p. 201-212;
- PEREIRA JUNIOR, José Anthero. Uma Itacoatiara Paulista. *O Estado de São Paulo*. Edição de 10 de Abril de 1946. São Paulo, p. 5;
- PEREIRA JUNIOR, José Anthero. Notícia sobre um achado arqueológico ocorrido em Itapeva (Faxina) (Estado de São Paulo). *Apointamentos Arqueológicos*. Nº 7. São Paulo, Setembro, 1964;
- PEREIRA, Edithe. *Arte Rupestre na Amazônia – Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; São Paulo: UNESP, 2003;
- PEREIRA, Edithe. Historia de La Investigación sobre El Arte Rupestre em La Amazonia Brasileña. Congresso Internacional da IFRAO. Piauí, 2009, p. 331-345;
- PIRES, Francisco. A ...A caminho da Cachoeira dos Pilões: Na limpidez de suas águas, as lágrimas da natureza. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Católica de Santos. Santos, 2005;
- Plano de Manejo Espeleológico (PME). Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira. 2010.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992;
- PROUS, André. *Artes Pré-históricas do Brasil*. Projeto Pedagógico Lúcia Gouvêa Pimentel. [Editor Fernando Pedro da Silva]. Belo Horizonte: C/Arte, 2007;
- SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria do Meio Ambiente. Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Mar. São Paulo: Relatório técnico não publicado. 2006.
- SOUZA, Rafael. A. O artista e sua tela: apontamentos sobre a relação entre a arte rupestre e os suportes rochosos no Estado de São Paulo. Trabalho final ARQ 5019 – Comportamentos Simbólicos do Homem Pré-Históricos. São Paulo, MAE – USP, 2006;
- TEGA, Glória. Canoa antiga vem à tona. Sala de Imprensa, *Jornal da Unicamp*. 2006. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/setembro2006/ju338pag2c.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2006/ju338pag2c.html)>. Acesso em: 26 ago. 2013;
- UCHÔA, Dorath P. & CALDARELLI, Solange B. Petróglifos na região nordeste do Estado de São Paulo. *Pesquisas: Antropologia*, v. 31: 25-42. São Leopoldo, 1980.
- WICHERS, Camila A. de M. Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (Des) Caminhos da Prática Brasileira. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2010. Tese de Doutorado;
- WICHERS, Camila A. de M. Patrimônio Arqueológico Paulista: proposições e provocações museológicas. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. 2011;
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA & 9ª SR IPHAN. Termo de Cooperação Técnico para o Levantamento de Sítios Arqueológicos no Estado de São Paulo. 2010.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. *Mosaico Paulista: Guia do Patrimônio Arqueológico do Estado de São Paulo*. Organização Camila Azevedo de Moraes Wichers. São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2010a;
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Programa de Prospecções Arqueológicas Mineração Morro do Guaripocaba LTDA. Relatório. 2007;
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Relatório de Vistoria Técnica Não Interventiva. Lavra de Granito Ornamental. Serrote do Guaripocaba. Município de Bragança Paulista, São Paulo. Relatório Técnico, 2005.